



NOTICIAS INTERNACIONALES AL 23/11/18

| | |
|---|-----------|
| BRASIL | 2 |
| Cae la oferta y se afirman los precios de la hacienda..... | 2 |
| China podría habilitar 78 plantas productoras de carnes bovinas y de pollo..... | 2 |
| Unión Europea: Informe detecta nuevas fallas sanitarias..... | 3 |
| Brasil presenta un plan para otorgar mayores garantías a la UE..... | 3 |
| Exportaciones de carnes bovinas con el tercer mejor resultado de su historia..... | 4 |
| El Mercosur es “desigual” para los “productos agropecuarios”, dijo la futura Ministra de Brasil..... | 5 |
| URUGUAY | 6 |
| Enfriamiento de los mercados podría afectar los valores de la hacienda gorda..... | 6 |
| Se cerraron contratos para exportar terneros en pie a Turquía en 2019..... | 6 |
| El MGAP ajustó los análisis para las carnes importadas..... | 6 |
| Grobocopatel “Uruguay podría producir 10 veces más de carne vacuna en el futuro”..... | 7 |
| PARAGUAY | 8 |
| Incautaron 90 cabezas de bovinos de contrabando fueron ingresados desde Brasil..... | 8 |
| Ratifican Lucha Contra El Abigeato Piden No Poner En Riesgo El Mercado De La Carne..... | 8 |
| UNIÓN EUROPEA | 9 |
| Acuerdo con Mercosur: reunión con pocos avances Suspenden cumbre..... | 9 |
| UE a la espera del nuevo Presidente del Brasil..... | 10 |
| Satisfacción en la International Meat Trade Association por el principio de acuerdo en torno al Brexit... | 11 |
| ESTADOS UNIDOS | 11 |
| Existencias crecieron un 3 por ciento a noviembre de 2018..... | 11 |
| Producción de carne bovina: argumentos a su favor..... | 11 |
| FDA - USDA compartirán el control y la regulación de la carne “cultivada”..... | 12 |
| AUSTRALIA | 12 |
| Oportunidades y desafíos del Mercados Mundial de Carnes..... | 12 |
| Nuevo récord en los animales en feed lots..... | 13 |
| CHINA Fiebre porcina hará crecer las importaciones en 2019 y 2020 | 14 |
| EMPRESARIAS | 14 |
| Vion innova en el mercado de los productos congelados..... | 14 |
| Futura Ministra negó incentivos irregulares para JBS..... | 15 |
| Amazon y Walmart revolucionarían el comercio minorista..... | 15 |
| Minerva planea vender hacienda en pie a IRAN en 2019..... | 17 |
| Marfrig logra aprobación de Corea del Sur para la venta de Keystone a Tyson..... | 17 |



BRASIL

Cae la oferta y se afirman los precios de la hacienda

Sexta-feira, 23 de novembro de 2018 - 06h00

No fechamento da última quinta-feira (22/11), a menor oferta de boiadas terminadas ainda permite espaços para altas na arroba do boi gordo, mesmo que tímidas, quando comparadas ao levantamento do dia anterior (21/11).

As valorizações ficaram por conta das regiões do Sudeste do Mato Grosso e em Belo Horizonte-MG.

Nesse último, o acréscimo foi de R\$1,00/@ na comparação dia a dia, e as indústrias encontram dificuldade em adquirir matéria-prima para compor os estoques de carne, mesmo ofertando preços acima da referência. Na região, desde o início da semana houve alta de 2,8%, considerando o preço a prazo.

Em São Paulo, a cotação ficou estável e foi observado frigoríficos com programações de abate em torno de seis dias.

A margem de comercialização das indústrias que fazem a desossa está em 22,4%, valor acima da média histórica.

A volta do acesso ao mercado russo já tem refletido positivamente nos embarques. Até a segunda semana de novembro, o volume diário exportado de carne bovina in natura foi 35% superior ao volume vendido por dia em outubro. Se esse ritmo continuar é possível que o recorde seja batido. E no mercado do boi gordo, este aquecimento da demanda tanto no mercado internacional quanto no doméstico, podem refletir em preços mais sustentados para arroba.

China podría habilitar 78 plantas productoras de carnes bovinas y de pollo

20/11/18 - por Equipe BeefPoint

O secretário-executivo do Ministério da Agricultura, Eumar Novacki, afirmou nesta segunda-feira, em entrevista coletiva, que a China poderá habilitar até 78 plantas brasileiras produtoras de carnes bovina e de frango para que possam exportar ao país.

Quatro inspetores do serviço sanitário chinês estão no Brasil a partir desta segunda-feira e ficarão por 10 dias para auditorias por amostragem em 10 unidades frigoríficas – seis de carne bovina, três de aves e um de equídeos. Essas plantas devem servir de referência para a autorização das demais.

Ao Valor, o secretário de Defesa Agropecuária do Ministério da Agricultura, Luís Rangel, explicou que não é possível saber ainda o número de estabelecimentos que serão aprovados pela China. Segundo ele, está prevista para o dia 2 de janeiro de 2019 a conclusão do relatório da inspeção chinesa e a habilitação das plantas a partir de 20 de janeiro.

Rangel disse ainda que a expectativa é que o maior número possível dentre as 78 plantas que solicitam a habilitação sejam aprovadas.

Na entrevista, em tom de despedida do ministério, Eumar Novacki também fez um apelo para que a futura ministra da pasta, deputada Tereza Cristina (DEM-MS), dê prosseguimento aos programas “Agro Mais” e “Agro Integridade”, que focam em redução de burocracia no ministério e em medidas de compliance exigidas das empresas, respectivamente.

De acordo com Novacki -, que aceitou convite para assumir a Casa Civil do governador eleito do Distrito Federal, Ibaneis Rocha (MDB) – Tereza já demonstrou a intenção de manter os programas. Em dois anos de criação do Agro Mais, o programa já solucionou 1,1 mil problemas levantados pelo segmento agropecuário, relacionados a exigências burocráticas do ministério que provocavam aumento de custos de produção.

“Esperamos que haja uma economia de R\$ 2,5 bilhões por ano após edição de normas para simplificar e desburocratizar processos. Esse programa não pode parar, mas não tem nada de extraordinário”, disse Novacki.

Ele citou como efeitos do programa, uma portaria assinada pelo Ministério que reduziu de 18°C negativos para 12°C negativos a temperatura de congelamento para a carne suína em linha com o padrão internacional, com economia anual prevista de R\$ 200 milhões, disse.

Novacki também afirmou, na entrevista, que o atual governo vai deixar pronto um decreto presidencial prevendo a criação de um fundo mantido com recursos de empresas de alimentos para contratação de médicos veterinários do setor privado para funções auxiliares nas linhas de produção e credenciados pela pasta.

A decisão de assinar ou levar adiante o decreto, porém, ficará a cargo do presidente eleito Jair Bolsonaro (PSL) e da futura ministra da Agricultura, deputada Tereza Cristina (DEM-MS).

O ministro da Agricultura, Blairo Maggi, já havia afirmado recentemente ao Valor que, a pedido dos ministérios do Planejamento e da Fazenda, desistiu de um projeto de lei para criação de taxas pagas por indústrias como frigoríficos e da regulamentação das horas-extras de fiscais do ministério, que são



proibidas hoje por lei. Essas medidas faziam parte do pacote prometido por Maggi após a revelação da Operação Carne Fraca, deflagrada no ano passado.

“Nosso projeto era mais ousado, dependia de lei e fazia com que toda cadeia produtiva se encaixasse nesse modelo. Mas agora por meio de decreto poderemos regulamentar um fundo privado e colocar à disposição do próximo presidente [Jair Bolsonaro]”.

Novacki também negou que a contratação de veterinários do setor privado, sem concurso público, seja uma tentativa de terceirização do sistema de fiscalização agropecuária federal, como entendem alguns auditores fiscais federais. E explicou que a medida vai se restringir à função dos auxiliares de inspeção, que já existe na prática, mas por falta de respaldo legal é questionada atualmente por vários países importadores de produtos agropecuários do Brasil.

Unión Europea: Informe detecta nuevas fallas sanitarias

19/11/18 - por Equipe BeefPoint A União Europeia voltou a criticar o controle sanitário nas exportações agrícolas brasileiras. Uma auditoria feita pelos técnicos do bloco europeu no que se refere às carnes bovina, de frango, de cavalo, peixes e mel indicou falhas nos controles nacionais.

Desde a eclosão do escândalo da Operação Carne Fraca, da Polícia Federal, a Europa voltou a implementar controle rigoroso para a entrada de produtos brasileiros no mercado da União Europeia. Progressivamente, fazendas vêm sendo recolocadas na lista de estabelecimentos autorizados a exportar para o bloco. Em maio deste ano, essa lista incluía 1,4 mil fazendas autorizadas em sete Estados brasileiros que são dedicados à carne bovina.

Atualmente, apenas 50 abatedores brasileiros podem exportar carne bovina para a UE, além de 30 no setor de frango e 30 em peixes. Dos 175 locais de processamento de mel no Brasil, 35 estão aptos a exportar. No caso da carne de cavalo, o embargo total à importação ainda está em vigor.

Desta vez, o foco da inspeção se refere a resíduos encontrados nas carnes e o monitoramento do uso de remédios nos animais. As inspeções ocorreram entre o fim de maio e 8 de junho deste ano, mas apenas agora o informe está sendo publicado pela diretoria de Saúde da UE.

“O objetivo da auditoria era avaliar a efetividade dos controles oficiais sobre resíduos e contaminantes em animais vivos e produtos animais para exportação para a UE”, declarou a UE por meio de um informe.

Audidores examinaram a implementação do plano de monitoramento de resíduos, além da autorização, distribuição e uso de produtos veterinários.

Garantias

De acordo com as autoridades europeias, ainda que o plano de monitoramento de resíduos siga os padrões internacionais, as garantias oferecidas são “em parte enfraquecidas” pelo número de amostras de pescados e mel que não são testados em relação a várias substâncias autorizadas nacionalmente para uso na produção de alimento animal e não alinhada com os padrões aplicados na UE.

No setor de carne bovina, a Europa registrou uso de substâncias autorizadas no gado que não podem ser usadas nos países do bloco. Além disso, a UE aponta que o sistema de receituário de remédios veterinários e a falta de dados mantidos sobre o tratamento médico “não adiciona garantias de que os produtos veterinários médicos são usados em linha com as indicações”.

Os europeus criticam ainda o manual criado pelo Ministério da Agricultura sobre como implementar o plano de monitoramento de resíduos. De acordo com os auditores, faltam instruções sobre questões como o uso de esteroides na carne bovina.

A UE também estima que os planos de controles de resíduos na carne são “enfraquecidos” diante da ausência da análise de várias substâncias autorizadas para uso no frango, nem sempre dentro dos padrões aplicados na Europa.

Os auditores também questionaram os laboratórios nacionais, alertando para a falta de dados e instâncias em que controles não existiam ou não estavam sendo implementados.

Resposta

Em documento, o Ministério da Agricultura do Brasil apresentou aos europeus um plano apontando para a implementação de uma série de medidas para atender às exigências da UE.

De acordo com o governo brasileiro, metas em relação ao número de amostras de certos produtos, como peixes, serão implementadas a partir do próximo ano. Um controle rigoroso também foi prometido no uso de diversos resíduos especificados pelos europeus.

Brasil presenta un plan para otorgar mayores garantías a la UE

22/11/18 - por Equipe BeefPoint

O governo brasileiro submeteu à União Europeia dois planos de ação para reforçar o controle sanitário de produtos de origem animal e também de pescados do país. A reação do bloco às promessas será importante para o futuro dessas exportações, atualmente mais restritas em razão de problemas nessa frente.



Na semana passada, a UE publicou o relatório final de uma missão de auditores europeus que visitou o Brasil entre os dias 23 de maio e 8 de junho para analisar o controle de resíduos e contaminantes em produtos de origem animal. Embora o Brasil no momento só exporte três categorias com esse tipo de risco (carnes bovina e de aves e mel), a missão examinou os controles oficiais da produção de todos os itens para os quais o Brasil tem planos de controle de resíduos aprovado, incluindo carne de cavalo e pescado.

O relatório final europeu apontou insuficiências no controle de resíduos e contaminantes em produtos de origem animal que poderiam ser destinados à UE. E o bloco também publicou em sua página na internet um relatório do governo brasileiro no qual o país se compromete com mudanças no controle em resposta a recomendações de Bruxelas.

No entanto, o Valor apurou que a UE continuou a considerar insuficientes as respostas brasileiras. E isso levou o Ministério da Agricultura a submeter a Bruxelas uma versão revisada de seu plano de ação, o que aconteceu na semana passada. De maneira mais clara, o Brasil se comprometeu a respeitar as exigências previstas na legislação europeia para controle de resíduos e contaminantes, incluindo a proibição do uso de hormônios 17-beta-estradiol em vacas para evitar problemas nas vendas de lácteos.

O uso de hormônios esteroides, incluindo o 17-beta-estradiol, em animais destinados ao abate também está proibido no Brasil, não apenas na UE. Mas é permitido no Brasil para fins zootécnicos e, em vacas, na sincronização do cio – não como melhorador de desempenho.

A UE pediu também garantias de que os produtos exportados pelo Brasil respeitam os limites máximos de resíduos definidos na UE. Isso mesmo quando os limites definidos na legislação brasileira forem mais elevados que os europeus ou quando não houver limites estabelecidos por Bruxelas.

Em resposta, o Ministério da Agricultura assegurou que seu sistema de amostragem ao longo de toda a cadeia produtiva evitará que os produtos elegíveis para exportação contenham resíduos de substâncias farmacologicamente ativas acima dos limites aceitáveis pelos europeus.

Além disso, o Brasil se comprometeu a harmonizar procedimentos de análises laboratoriais e a realizar auditorias internas nos laboratórios credenciados para garantir o cumprimento dos dispositivos de uma diretiva europeia sobre o controle de resíduos em animais vivos em produtos de origem animal.

O segundo plano de ação que o Brasil submeteu aos europeus diz respeito ao controle sanitário dos pescados. Auditoria da UE em setembro de 2017 chegou a conclusões muito negativas, a começar sobre as condições das embarcações que operam no país. Um dos problemas foram os refrigeradores nos barcos, que não mantinham os pescados na temperatura adequada.

A Secretaria Especial da Aquicultura e Pesca, vinculada à Presidência da República, e o Ministério da Agricultura, que cuida da certificação sanitária desses produtos, tiveram dificuldades para se entender sobre as garantias que poderiam ser oferecidas à UE de que a produção de pescado e produtos da pesca provenientes do Brasil cumpriam os requisitos sanitários europeus.

Em meio à demora de Brasília em responder, a UE proibiu a importação dos pescados originários do Brasil. Excluiu em junho deste ano todos os estabelecimentos brasileiros da lista de unidades autorizadas a exportar para a UE, a chamada “pre-listing”. Mas o Ministério da Agricultura já havia suspenso a certificação sanitária das exportações em janeiro.

Após mais de um ano, o Brasil enfim apresentou no começo deste mês o plano de ação à UE para o segmento de pescado. A avaliação no governo é que as medidas listadas são suficientes para responder às demandas da UE.

A reabilitação das exportações brasileiras de pescados dependerá, portanto, do exame das autoridades sanitárias europeias sobre o plano apresentado por Brasília. E provavelmente do envio de uma nova missão de auditoria ao Brasil para verificar se as medidas propostas no plano foram implementadas de maneira satisfatória.

O Brasil está impedido de exportar também carne de cavalo para a União Europeia, em razão de conclusão de auditoria da UE enviada ao Brasil em maio de 2017 para apurar denúncias divulgadas na esteira da Operação Carne Fraca.

Exportaciones de carnes bovinas con el tercer mejor resultado de su historia

21/11/18 - por Equipe BeefPoint A associação Brasileira de Frigoríficos (Abrafrigo), divulgou nesta terça-feira (20), que as exportações totais de carne bovina brasileira registraram o terceiro melhor resultado da história. O resultado se refere ao mês de outubro, demonstrando que houve crescimento de 12% em relação ao mesmo período do ano passado.

Os dados foram observados em relação ao produto in natura e processado, sendo que em termos de volume, atingiram 161.517 toneladas, contra 143.916 toneladas em 2017, perdendo somente para a movimentação obtida em agosto e setembro últimos.

No que diz respeito à receita, o resultado de outubro foi de US\$ 619,5 milhões, contra US\$ 599,5 milhões no mesmo mês do ano passado, aumento de 3%. Este resultado está em linha com a previsão da Abrafrigo de um crescimento de 10% para as exportações neste ano.



No acumulado até outubro, a movimentação atingiu 1.328.035 toneladas, com crescimento de 10% em relação ao mesmo período do ano passado quando alcançaram 1.208.668 toneladas. Nas receitas, o total obtido em 2018 chegou a US\$ 5,34 bilhões contra US\$ 4,92 bilhões em 2017, crescimento de 8%.

Segundo o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) Mato Grosso do Sul abateu 250 mil animais no mês de outubro, aumento de 6,79% em relação aos 234 mil abatidos em outubro de 2017.

A unidade técnica da Federação de Agricultura e Pecuária de MS (Sistema Famasul), destacou que no acumulado de janeiro a outubro de 2018 foram abatidos 2,7 milhões de animais superando em 4,8% às 2,5 milhões de cabeças de igual período de 2017. A produção de carne foi 691 mil toneladas, 4,6% maior que as 660 mil toneladas produzidas entre de janeiro e outubro de 2017.

Na comparação mês a mês, outubro registrou queda em relação à setembro. No comparativo com igual período de 2017 o mês de outubro de 2018 superou em 4,9% o volume exportado de carne bovina in natura por Mato Grosso do Sul totalizando 11,1 mil toneladas. O faturamento ficou 3,6% menor com US\$ 43,5 milhões.

Já no acumulado de 2018 (janeiro a outubro) as vendas para o mercado externo totalizaram 106,4 mil toneladas, alta de 8,15% em relação às 98,4 mil toneladas de igual período de 2017. A receita de US\$ 38,9 milhões avançou 5% frente aos US\$ 417,8 milhões registrados em janeiro a outubro de 2017.

ABERTURA DE MERCADOS

“Vale lembrar que se espera, a partir de novembro, o reinício das vendas para o mercado russo, fechado desde dezembro de 2017, e que no ano passado já havia adquirido 131 mil toneladas do produto brasileiro, o que representou mais de 10% das exportações brasileiras na época”, destaca a entidade em nota.

A China continua sendo o maior mercado para a carne bovina brasileira com compras, até outubro, de 585.263 toneladas, através da cidade estado de Hong Kong e do continente. Em 2017, até o mês passado, eram 448.721 toneladas, o que elevou a participação chinesa nas exportações de 37,1% para 44,1%.

Em segundo lugar veio o Egito, com importações de 147.894 toneladas (+ 19,5%) e em terceiro o Chile, com 92.402 toneladas (+92%). Entre os 20 principais destinos do produto brasileiro, destacaram-se ainda em crescimento em 2018, o Uruguai, com aumento de 276% nas aquisições.

El Mercosur es “desigual” para los “productos agropecuarios”, dijo la futura Ministra de Brasil

21/11/2018 - La futura ministra de Agricultura de Brasil, Tereza Cristina Correa da Costa, amenaza con dejar el Mercosur si no se revisan las condiciones.

La futura ministra de Agricultura de Brasil, Tereza Cristina Correa da Costa, amenazó hoy con dejar el Mercosur en un caso extremo, si no se revisan las condiciones, que en su opinión son “desventajosas” para el país, y respaldó flexibilizar el Estatuto de Desarme en el ámbito rural.

“Precisamos sentarnos y ver los intereses. O Brasil intenta fortalecer el Mercosur y decir lo que quiere, o entonces sale, en un caso extremo. Pero no debe continuar como está. Es desventajoso para nosotros”, comentó en una entrevista con el diario O Globo la diputada, quien fue anunciada como ministra de Agricultura por el presidente electo del país, el ultraderechista Jair Bolsonaro.

En opinión de Correa da Costa, que asumirá la cartera el próximo 1 de enero, el Mercosur, bloque integrado por Argentina, Brasil, Paraguay y Uruguay, “es desigual, principalmente para los productos de la agropecuaria”.

“El mundo hoy es muy rápido y dinámico. Es la hora de sentarse y revisar el Mercosur. Sin dejar el protagonismo de Brasil y sin dejar de tener esa relación con nuestros vecinos, pero haciendo un acuerdo, tal vez, más moderno y mejor”, indicó la futura ministra al citado diario.

También comentó que Brasil, uno de los mayores productores mundiales de alimentos, está con “problemas por causa de la leche, que entra al país y causa perjuicios, principalmente para los pequeños productores” y que lo mismo ocurre, dijo, con el arroz.

Correa da Costa, una diputada que preside en el Congreso la bancada que defiende los intereses de los grandes propietarios rurales, citó a China como un mercado internacional prioritario para Brasil ante el aumento sustancial en los próximos años de su clase media, así como a Indonesia, India e Irán.

Por otro lado, la futura ministra se mostró “a favor” de permanecer en el Acuerdo de París contra el Cambio Climático.

Bolsonaro, un ultraderechista nostálgico de la dictadura militar (1964-1985), defendió durante la pasada campaña electoral retirar a Brasil de ese pacto internacional, aunque luego dio marcha atrás y apoyó el texto con algunas críticas.

Igualmente, Correa da Costa defendió flexibilizar el Estatuto de Desarme de Brasil para que el productor rural pueda tener armas.

“No soy a favor de armar a toda la población, pero creo que hicimos un plebiscito y hubo una exageración en ese desarme general. Pero las personas del campo pueden tener arma, podrían hacer un curso o una preparación”, apuntó.



URUGUAY

Enfriamiento de los mercados podría afectar los valores de la hacienda gorda

21/11/2018 - Es una variable que podría resultar en el corto plazo en precios cercanos a los US\$ 3 el kilo a la carne.

El director de Frigorífico Las Piedras, Alberto González, dijo a Rurales El País que el enfriamiento en la demanda de los mercados internacionales conforman un combo que podría resultar en el corto plazo en valores de la hacienda gorda cercanos a los US\$ 3 el kilo de carne.

También entiende que las referencias locales deben estar avaladas por los bajos precios del ganado en los mercados regionales, como Argentina y Brasil, que compiten directamente con la carne uruguaya en varios destinos. “Vamos a tener que tener un acercamiento en los valores (...) Ojalá sea por un aumento en la región”, aspiró González.

Mundo. Entiende que el perfil aperturista de China ha generado una pérdida de la competitividad de Uruguay frente a otros productores, como los de Oceanía, que han realizado “muchos esfuerzos” en tratados comerciales para que sus productos ingresen con menores aranceles y siendo más competitivos que los del Mercosur.

Al mismo tiempo, Alberto González dijo que China ha iniciado un “proceso de aflojar en la demanda” de carne vacuna, dado que el arribo de los productos sería en el periodo de año nuevo de ese país, momentos de mayor pasividad del mercado.

Sumando que se está cerrando un año “más flojo” para la colocación de carnes en la Unión Europea, por una menor participación en la cuota Hilton, y el Nafta, que está en sus menores niveles de demanda en valores y volúmenes, son condimentos que tienen incidencia en el negocio.

Se cerraron contratos para exportar terneros en pie a Turquía en 2019

20/11/2018 - Valores de los terneros para compras inmediatas rondan los US\$ 1,85 a US\$ 1,95 el kilo en pie, pero “somos optimistas” para que se recuperen, dijo Gastón Silva, acopiador remitente a Gladenur SA.

Las empresas exportadoras han cerrado nuevos negocios para enviar terneros en pie a Turquía en 2019, adelantó a Rurales El País Gastón Silva, responsable de un acopio de vacunos ubicado en el departamento de Florida que remite a Gladenur SA.

Además contó que prevén cargar dos barcos que saldrán con destino a Turquía, uno, antes de cerrar noviembre y, otro, a fines de diciembre. “Veo en la exportación en pie un negocio muy positivo y estable, como para seguir apostando a él”, comentó y agregó: “Hay mucha demanda en Turquía por el ternero de Uruguay”.

El empresario dijo que están comprando terneros para negocios inmediatos a valores que rondan US\$ 1,85 a US\$ 1,95 el kilo en pie, siempre dependiendo del peso. Entiende que son referencias que siguen siendo “buenas opciones de rentabilidad” para los productores.

De todos modos, considera que con el paso de los meses y continuando la firmeza del mercado, el negocio va a ser “muy optimista” para aquellos que tengan terneros, dado que castrado debería valor un poco más por cómo se puede comportar la oferta. “El que tiene terneros enteros que siga apostando”, sumó.

Dificultades. Silva explicó que la comercialización de animales vivos a Turquía se mantenía con “mucha fluidez” previo a las dificultades de septiembre, cuando la moneda de ese país sufrió una fuerte devaluación frente al dólar norteamericano, pasando de 4,7 liras a 7,2 liras por unidad. En la actualidad la moneda se fortaleció y se posiciona en 5,3 liras por dólar.

El MGAP ajustó los análisis para las carnes importadas

19/11/2018 - Impulsa nuevo sistema de muestreos para cortes de cerdo, bovinos y recortes que se usan en chacinado.

El Ministerio de Ganadería, Agricultura y Pesca impulsa un nuevo sistema de muestreos para la carne bovina y de cerdo importada que se vuelca al abasto, para proteger a los consumidores. El nivel de exigencias es igual al que se aplica para la carne producida localmente.

“Antes Uruguay no tenía mucha cultura de importador de carne, salvo en cerdo, ahora hay una moda de importar carne bovina y cortes suínos para el abasto. Tuvimos que normalizar, en parte, para exigirle lo que también se exige acá a la carne uruguaya”, contó a El País el director de la División Industria Animal, Dr. Gustavo Rossi.

Días atrás la secretaría de Estado había emitido el nuevo procedimiento para controlar la carne de cerdo que entra a Uruguay, manteniendo “la revisión de que no tenga Raptopamina”, promotor de crecimiento hormonal que está prohibido en 160 países. La hormona se usa en la producción de carne bovina y de



cerdo de Estados Unidos desde 2003, país en el que las hormonas —también produce carne a pasto— forman parte del paquete.

Ahora el MGAP emitió el procedimiento de controles para carne bovina, que ya fue comunicado a la Organización Mundial de Comercio (OMC).

A su vez, lo otro que se está haciendo “es la verificación de especie para carne chica (conocida como recortes o trimming), que por lo general tiene por destino la industria del chacinado. Esa carne no tiene cortes anatómicamente reconocibles”, argumentó Rossi.

El jerarca explicó que “cambió el modismo porque antes venía carne bovina para la industria del chacinado y hoy se vuelca al abasto, por eso tuvimos que cambiar las exigencias en cuanto a etiquetado, envasado y otras cosas”, explicó el titular de la División Industria Animal del MGAP al ser consultado por El País.

La importación de carne bovina fresca y refrigerada creció 63,20% en un año y se mantiene firme mes a mes.

Esos cortes tienen mayoritariamente por destino el abasto interno y permiten ser volcados a los consumidores a precios diferenciales. Ese es otro motivo por el que vienen ganando terreno.

Según los datos de Uruguay XXI el mes pasado entraron 1.471.393 kilos netos por US\$ 5.321.897. El año pasado, a octubre, se importaron 541.373 kilos netos por US\$ 2.089.004.

También creció 42,85% el ingreso de carne congelada en las mismas fechas de la comparación anterior. Fueron 336.820 kilos netos por US\$ 1.036.343 contra 192.460 kilos netos por US\$ 500.830. Los datos son en base a cifras del Ministerio de Economía y Finanzas.

Incluso, algunos frigoríficos están importando carne, principalmente cortes de alto valor desde Rio Grande do Sul, que son volcados al abasto interno. Esos cortes provienen de frigoríficos brasileños habilitados para la exportación, son desosados y envasados al vacío.

Según cifras de la Cámara de la Industria Frigorífica, faenar un novillo en Uruguay es 45% más caro que en Paraguay y Argentina y 25% más caro frente a Brasil (son cifras parciales hasta el pasado mes de agosto).

Los precios de las haciendas también muestran diferencias con Uruguay y eso pesa fuerte cuando se miden los costos de producción.

Grobocopatel “Uruguay podría producir 10 veces más de carne vacuna en el futuro”

22/11/2018 - Todo depende si el país es pionero en el desarrollo de las tecnologías, dijo el presidente de Grupo Los Grobos, Gustavo Grobocopatel, quien destacó el avance de la carne vacuna artificial.

El presidente de Grupo Los Grobos, Gustavo Grobocopatel, destacó a Rurales El País el desarrollo de la carne artificial en Estados Unidos con más de veinte compañías que se han lanzado este año a la oferta pública para elaborar el producto. “Es un tema interesante que el año pasado me parecía muy pintoresco”, agregó.

Explicó que esta ciencia permite producir carne “independientemente de la genética” y las “condiciones naturales” que se tengan en el país. Además, el sistema “casi no ocupa superficie agrícola”, “no emite gases de efectos invernaderos” y resulta “mucho más eficiente, el doble que la carne común”, dijo.

En ese contexto, Grobocopatel entiende que estos nuevos desarrollos pueden significar oportunidades o amenazas para los países del Mercosur. “Hoy veo con preocupación cómo la región va a liderar toda la revolución tecnológica, porque en la agenda pública el tema no está presente, sino que nos distraemos en asuntos de coyuntura”, resaltó.

Países como Uruguay y Argentina “podrían producir 10 veces más carne de la que producen en la actualidad”, “siempre dependiendo si somos pioneros en el desarrollo de las tecnologías”, considera el empresario. Y agregó: “Claramente es una oportunidad si Uruguay, además de producir carne natural, puede ser el líder mundial de la carne artificial. Permite bajar costos enormemente y expandir mercados”.

Sin embargo reiteró: “Es fundamental que estos temas estén en la agenda pública, porque no podemos ir por detrás de la pelota, sino que debemos ir hacia donde va la pelota”.

Oferta. Gustavo Grobocopatel consideraba el año pasado que faltaba mucho para desarrollar la carne artificial, cuando le resultaba “algo simpático”; pero en 2018 observa un desarrollo más fuerte de lo que imaginaba. “Si en 2017 creía que era un sistema para dentro de 20 años, ahora, con lo visto en Estados Unidos, entiendo que será para 10 años. Y posiblemente, de acuerdo a cómo vienen evolucionando las cosas, el año que viene podamos tener oferta comercial”.

“Muchas veces lo que uno piensa que no va a ocurrir, después la realidad te supera y te lleva por delante”, señaló y contó: “En 2003 dije en una conferencia en Uruguay, cuando se sembraban 20 mil hectáreas de soja, que la producción de carne iba ser a feedlot y la reacción fue de que eso no iba a pasar. Pero 10 años más tarde la carne de feedlot se popularizó y se plantaban más de 1 millón de hectáreas”.

Con la carne artificial “no se qué porción del mercado va a ocupar o cómo va a ser”, pero “si por esas casualidades es un éxito y el mercado demanda este producto, los países como Uruguay y Argentina no podemos estar por fuera de ese desarrollo”.



Propiedades. El empresario contó que la carne artificial tiene las mismas características proteicas que las naturales. Asimismo, adelantó que algunas tecnologías pueden modificar los sabores del producto y derivarlos a gustos específicos. “Hoy comes la carne que te toca, pero en el futuro uno podría exigir la carne exacta que le gusta para tener en su plato”, cerró.

PARAGUAY

Incautaron 90 cabezas de bovinos de contrabando| fueron ingresados desde Brasil

18 de Noviembre de 2018

Senacsa ordenó el faenamiento de 90 cabezas de bovinos ingresados de contrabando por Ypejhú, sin documentación legal. Nadie se hizo responsable del cargamento. El titular del ente sanitario dijo que están trabajando en un proyecto de trazabilidad como solución definitiva al flagelo.

El presidente del Servicio Nacional de Calidad y Salud Animal (Senacsa), José Carlos Martín, dijo que técnicos sanitarios del ente estatal verificaron los animales, los que estaban en perfectas condiciones sanitarias, por lo que procedieron a al faenamiento de los mismos.

La carne, unos 15.000 kilos, fue donada a las entidades que dispuso la Fiscalía, comentó.

La incautación de las 90 cabezas de ganado bovino se hizo en la localidad de Ypejhú, departamento de Canindeyú, la última semana.

El titular de Senacsa comentó que el trabajo de incautación se hizo cuidadosamente con el agente fiscal anticnabando interino del Ministerio Público, Miguel Quintana.

Martín comentó que previo a la faena de los animales, se hicieron los análisis correspondientes y encontraron que los mismos estaban sanos, ya que fueron traídos del Brasil, país que cuenta con el mismo régimen sanitario que el Paraguay. “También se hicieron los análisis post mortem y las carnes estaban en condiciones para ser donadas o comercializadas”, expresó.

Preguntado si tienen identificado al propietario o los propietarios de las 90 cabezas, dijo que no, puesto que ingresaron al Paraguay con documentos adulterados. “Nadie se hizo cargo del cargamento”, apuntó.

El monto estimado del ganado incautado es de 60.000 dólares aproximadamente.

Los camiones que transportaron los animales también fueron decomisados.

Consultamos ayer al titular del Senacsa si qué están haciendo para evitar el contrabando de ganado en pie hacia nuestro país, ya que no es la primera vez que ocurre. “Tenemos 1.000 kilómetros de frontera seca, de que nuestros controles son vulnerables en parte es cierto, pero también nuestra posición geográfica ayuda bastante”, respondió.

No cree que se trate de una triangulación. No obstante, dijo que están trabajando en el fortalecimiento de la red sanitaria. Mencionó que recientemente se concretó la firma de un crédito del Banco Interamericano de Desarrollo de US\$ 15 millones, para el fortalecimiento de los controles con nuevos puestos en puntos de ingreso de ganado y la implementación de la trazabilidad.

Ratifican Lucha Contra El Abigeato Piden No Poner En Riesgo El Mercado De La Carne

21 de Noviembre de 2018

El titular del Senacsa, José Carlos Martín, aseguró que seguirán luchando contra el abigeato y delitos conexos. Criticó a los que con sus acciones arriesgan el esfuerzo de los productores y todo lo que se consiguió en estos años, refiriéndose a los récords en la exportación de carne.

En el puesto de control de tránsito de animales en Cerrito, la Comisión de Lucha contra el Abigeato y Control de Tránsito de Ganado (Colcat) fueron inauguradas algunas mejoras que apuntan a mejorar el control, brindar seguridad y rapidez. Permitirá el mejor despliegue de los inspectores, así como oficinas y habitaciones equipadas y climatizadas.

La última semana detectaron el ingreso de contrabando a nuestro país de 90 cabezas de ganado bovino desde el Brasil. En septiembre pasado otro ingreso ilegal de una tropa de bovinos desde el vecino país.

En las dos ocasiones, el ingreso ilegal se produjo a través de la jurisdicción de Ypejhú, departamento de Canindeyú.

De ahí la necesidad de contar con puestos seguros de control del tránsito del ganado para brindar las garantías necesarias en cuanto a la sanidad del animal y la legalidad de los traslados.

En el acto inaugural, el titular del Senacsa habló del compromiso del gobierno en la lucha contra el abigeato y los delitos conexos y criticó a las personas que con sus acciones ponen en riesgo el esfuerzo de los productores pecuarios y todo lo que se ha conseguido en los últimos años en cuanto a producción y exportación de la producción cárnica.

De acuerdo con los datos del ente sanitario estatal, en el 2017 se logró exportar 517.165 toneladas de productos cárnicos, hecho que generó un ingreso de US\$ 1.429.922.449.

El funcionario anunció también en la ocasión la capacitación del personal y la incorporación de tecnología a través de un convenio firmado con el Banco Interamericano de Desarrollo (BID). Había dicho en una



entrevista con este diario que la cooperación sería por US\$ 15 millones, lo que permitirá escalar y acceder al nivel en el que el Paraguay merece estar en materia de producción e industrialización de la carne. El titular de la Colcat, Miguel Ángel Doldán, habló del desafío de trabajar para que nuestro país pueda salir adelante, tanto desde el sector público como desde el sector privado. Anunció la construcción y mejoramiento de los puestos de control de Pozo Colorado y Emboscada para el próximo año.

UNIÃO EUROPEA

Acuerdo con Mercosur: reunión con pocos avances Suspenden cumbre

19/11/18 - por Equipe BeefPoint Mercosul e UE não superam impasses e cúpula é suspensa

Os negociadores do Mercosul e da União Europeia não conseguem superar os impasses e a ideia de convocar os chanceleres para tentar fechar um acordo a partir de segunda-feira, 16, está suspensa por enquanto.

Uma última tentativa de aproximar as posições ocorrerá na semana que vem, por parte de equipes técnicas. Se houver finalmente um avanço, os ministros do Cone Sul e da Europa ainda poderiam se reunir no fim de semana seguinte, em Bruxelas.

Mas negociadores do Mercosul admitiram que, depois de cinco dias de intensas negociações na capital belga desde segunda-feira, os avanços foram apenas “milimétricos”.

O bloco sul-americano aponta que, do lado europeu, nenhuma concessão foi dada no setor agrícola, um dos principais pontos de interesse do Mercosul num eventual acordo de livre comércio com a Europa.

A Comissão Europeia vem acenando que quer um acordo antes do final do governo de Michel Temer. A preocupação dos europeus é de que, com o governo de Jair Bolsonaro no poder, as condições para um acordo seriam modificadas.

Além disso, o temor é de que o novo chanceler, Ernesto Araujo, confirme a tendência de o Itamaraty privilegiar as relações com os EUA, e não com a Europa.

Espanha, Portugal e Alemanha estariam entre os países mais dispostos a insistir por um acordo. Mas internamente, Bruxelas vem sofrendo a pressão por parte de governos de economias mais protecionistas que rejeitam abrir seu mercado aos produtos agrícolas do Mercosul.

Nas capitais europeias, o lobby tem sido intenso para impedir que haja uma oferta para que se permita uma maior exportação de açúcar, etanol e carnes por parte de Brasil ou Argentina.

A pressão também tem vindo da sociedade civil e de parte de deputados de origem de setores mais protecionistas.

Ao longo do anos, esses grupos usaram de diferentes argumentos para justificar uma suspensão do processo negociador: o escândalo de corrupção no setor de vigilância sanitária, a morte da vereadora Marielle Franco e, agora, eleição de Jair Bolsonaro.

Na semana passada, mais de 20 grupos de proteção animal emitiram carta para a Comissão Europeia exigindo o fim das negociações com o Mercosul.

Bruxelas decidiu manter os encontros com os negociadores do Cone Sul. Mas sua posição foi enfraquecida.

Negociadores do bloco sul-americano indicaram ao Estado que chegaram à cidade de Bruxelas no início da semana prontos para fechar compromissos e ceder em vários capítulos da negociação. Mas não sentiram a mesma disposição por parte de Bruxelas.

Ao final da semana, portanto, o Mercosul se queixa de que a UE de não está cedendo, algo que teria ficado claro nos cinco dias de negociações nesta semana. O bloco sul-americano insiste que vem oferecendo soluções em diversos setores para atender aos pedidos europeus no setor de automotivos e mesmo na proteção de vinhos e outros produtos da UE.

Mas não foi atendido em suas principais reivindicações, principalmente no que se refere a um maior acesso a produtos agrícolas.

21/11/18 - por Equipe BeefPoint

Representantes do Mercosul e da União Europeia (UE) encerraram hoje mais uma rodada de negociações, em Bruxelas, com avanços técnicos ainda insuficientes para levar os ministros a uma barganha política final para um acordo de livre comércio.

Conforme o Valor apurou, na rodada de discussões que começou na segunda-feira da semana passada, certas questões técnicas puderam ser resolvidas. Mas outras continuam sem solução, como por exemplo envolvendo proteção de indicações geográficas, que é do mais alto interesse dos europeus.

A questão de acesso ao mercado tanto para produtos como carnes, etanol e açúcar, tanto outros de interesse europeu não foi discutida. Está claro para negociadores que agora ficará para os ministros baterem o martelo, em decisão política em algum momento.



Segundo fontes, a dinâmica das discussões em Bruxelas em nenhum momento mostrou que os europeus tentavam apressar ou retardar as negociações em função da mudança de governo no Brasil.

O nome de Jair Bolsonaro ou a questão de uma tentativa futura de acordo do Brasil com os EUA não apareceram nas discussões, segundo as fontes.

Os negociadores concluíram a rodada com o entendimento de continuar as discussões técnicas por telefone e ver se será possível até o fim do ano partir para a barganha política, desta vez com os ministros do Mercosul e os comissários da UE.

Parece excluída, assim, a possibilidade de um anúncio de acordo à margem da cúpula do G-20, no fim do mês em Buenos Aires.

A questão é se será possível colocar nas mãos dos ministros um mínimo de temas centrais para eles baterem o martelo, ou seja, politicamente fazerem as concessões para a barganha final.

UE a la espera del nuevo Presidente del Brasil

19/11/18 - por Equipe BeefPoint A mudança de governo a partir de janeiro, com o início da presidência de Jair Bolsonaro (PSL), não deve interferir nas relações de comércio com a União Europeia, na avaliação de Guilherme Athia, sócio da agência de assuntos públicos, governamentais e privados Atlântico.

Ele avalia que o interesse dos europeus pelo comércio com o Brasil deve crescer nos próximos anos, aumentando oportunidades sobretudo para empresas de serviços e tecnologia. Athia, que já foi executivo da Nike em Bruxelas, sede do bloco europeu, se especializou em negócios com a União Europeia e é mestre em relações internacionais pela Fletcher School of Law and Diplomacy, dos Estados Unidos. A seguir, trechos da entrevista.

Como o sr. avalia os primeiros dias de transição da equipe do novo governo do ponto de vista do comércio exterior?

No princípio houve muito ruído, mas acho que desde a eleição já vimos sinalizações positivas por parte dos investidores e exportadores. Uma notícia boa foi a confirmação da manutenção dos ministérios da Agricultura e do Meio Ambiente como estruturas separadas. Era a melhor escolha do ponto de vista dos exportadores brasileiros, que temiam perder certificações e mercado. Mesmo com as idas e vindas, o acordo entre Mercosul e União Europeia deve ser concluído?

Vejo que a possibilidade de conclusão do acordo, que vem sendo negociado há anos, é grande e decorre de vários fatores, entre eles uma onda de renovação que traz também um sentido de urgência para que todo o trabalho já feito não se perca. Em maio, o Parlamento Europeu será renovado. A Argentina vai ter eleição no ano que vem. A Europa está disposta a fechar acordos agora, mas há muito trabalho a ser feito.

O que os europeus esperam do comércio bilateral com o Brasil?

O que se espera é uma relação pragmática, baseada em um histórico de bom relacionamento. A UE é uma grande parceira da América Latina, do Mercosul. O Brasil exporta muitos alimentos, bebidas, proteína animal para a Europa. De lá para cá vêm maquinário, equipamentos, produtos químicos e farmacêuticos. A União Europeia permanece sendo o maior investidor histórico no Brasil. E é um fato, embora menos conhecido, que o Mercosul investe na Europa. O interesse é mútuo e a relação é complementar. Em resumo, há laços comerciais fortes e muitos campos a serem explorados. Tudo isso é uma força muito mais considerável do que possíveis arestas políticas e declarações podem indicar.

A identificação do novo governo com os Estados Unidos não pode deixar os demais parceiros comerciais em segundo plano?

A relação entre o Brasil e a União Europeia é muito ampla e deve permanecer assim em vários sentidos no próximo governo. O bloco europeu é diversificado e inclusivo, e seus países membros têm visões políticas distintas. Ainda que os parceiros comerciais da Europa tenham dirigentes ideológicos com visões diferentes da maior parte dos países europeus, o bloco, com todos os seus 28 membros, está acostumado a lidar com diferentes visões políticas. Eles negociam tanto com o Canadá quanto com o Vietnã, países com orientações completamente diferentes. O Brasil e o Mercosul não devem ter dificuldade. A Europa está pronta para negociar com o novo presidente brasileiro. E os acordos comerciais que estão sendo discutidos hoje pelos europeus buscam ampliar as relações na chamada nova economia, que envolve tecnologia e serviços.

O perfil dos acordos comerciais entre blocos e países também está em transformação?

Sim, os países têm novos desafios. Os novos acordos que estão sendo assinados vão precisar contemplar trocas em serviços, comércio eletrônico, padrões sanitários e fitossanitários e a troca de conhecimento e tecnologia entre pequenas e médias empresas. O Brasil tem interesse grande pelo mercado europeu e há várias formas de investimentos comuns, parcerias estratégicas e desenvolvimento de cadeias de suprimentos a serem explorados. O acordo comercial entre Brasil e Chile, concluído recentemente, é um bom exemplo das novas possibilidades de trocas internacionais, que vão muito além de questões tarifárias. Hoje, podemos imaginar duas startups dos dois lados trocando experiências, tecnologia e pessoal para se desenvolverem.



Satisfacción en la International Meat Trade Association por el principio de acuerdo en torno al Brexit

19/11/2018 la International Meat Trade Association ha recibido con agrado la noticia sobre el principio de acuerdo alcanzado por la UE y Reino Unido en torno al Brexit. Sin embargo, hasta que el acuerdo haya pasado por las etapas legislativas tanto en el Reino Unido como en la UE, la incertidumbre sigue siendo para sus miembros, lo que dificulta la planificación y el acuerdo de los contratos.

El acuerdo prevé un período de transición de al menos hasta el 31 de diciembre de 2020, durante el cual el Reino Unido continuará participando en la Unión Aduanera de la UE y en el Mercado Único y todas las políticas de la Unión. Esto evitará la necesidad de nuevos controles entre el Reino Unido y la UE, o la introducción de aranceles en el comercio entre la UE y el Reino Unido.

El proyecto de acuerdo también significa que el Reino Unido estaría obligado por las regulaciones existentes. Esto asegurará a nuestros mercados de exportación en todo el mundo que el Reino Unido seguirá cumpliendo con todas las normas y regulaciones actuales.

Durante el período de transición, los terceros países tendrán acceso al mercado del Reino Unido en las condiciones establecidas en los acuerdos comerciales de la UE, lo que brindará a los miembros importadores la certeza de que aún podrán acceder a una gama de productos, brindando opciones al Reino Unido. consumidor.

Hasta que este acuerdo sea asegurado a nivel político y legislativo, "nuestros miembros aún enfrentan incertidumbre sobre lo que sucederá desde el 29 de marzo de 2019 a las 11 pm. Aunque reconocemos que el gobierno del Reino Unido podría tomar medidas unilaterales en la política arancelaria para evitarlas, si no se toman medidas, existe el riesgo de que el Reino Unido no cumpla con los aranceles de la OMC sobre las importaciones, que son tan altas como el 60% en el caso de las importaciones de carne vacuna. También existe una gran incertidumbre sobre la aprobación de la exportación de carne del Reino Unido a la UE en este escenario".

Desde IMTA destacan que la UE va a tratar al Reino Unido como si fuera un Estado miembro pero sin embargo "existe una excepción con respecto a la participación del Reino Unido en las instituciones y estructuras de gobierno de la UE. Creemos que esto será una pérdida, ya que el Reino Unido ha sido tradicionalmente un estado miembro activo y comprometido en contribuir a la política de la UE. Esperamos que las empresas y asociaciones basadas en el Reino Unido y el Reino Unido sigan participando en el proceso legislativo de la UE durante todo el período de transición".

ESTADOS UNIDOS

Existencias crecieron un 3 por ciento a noviembre de 2018

November 21, 2018 Placements in feedlots during October totaled 2.25 million head, 6% below 2017. (Drovers)

Placements of calves on feed for the slaughter market in the U.S. for feedlots with capacity of 1,000 head or more totaled 11.7 million head, as of Nov. 1, 2018. The inventory was 3% above the Nov. 1, 2017 report.

Placements in feedlots during October totaled 2.25 million head, 6% below 2017. Net placements were 2.18 million head. During October, placements of cattle and calves weighing less than 600 lb. were 640,000 head,

600-699 lb. were 525,000 head, 700-799 lb. were 450,000 head,

800-899 lb. were 363,000 head, 900-999 lb. were 180,000 head, and 1,000 pounds and greater were 90,000 head.

Marketings of fed cattle during October totaled 1.89 million head, 5% above 2017.

Other disappearance totaled 69,000 head during October, 5% below 2017.

Producción de carne bovina: argumentos a su favor

November 22, 2018 02:00 PM

Many of us have read news articles or heard reports about the environmental issues that are caused by livestock. It is everything from greenhouse gases from cattle to they are using food that could be used to feed people. All of this seems followed by a push to stop eating meat and consume a diet made up primarily of vegetables. Is our industry really damaging the environment? Would the world be better off if livestock production was reduced or eliminated? Do we have any information to defend and support beef production? Let's look at a few of the issues.

Beef production requires food and land that could be used to feed people. Think about the cattle you have on your farm. What are they eating? Forage makes up the overwhelming of cattle diets. This forage is inedible by humans, since we cannot digest it. But cattle, thanks to their ruminant digestive system, can



digest this material and use it to produce a high quality protein that humans can use for food. Cattle are not taking food out of people's mouths, but taking food we can't eat and making something we can eat.

What about the land? As you take your next drive across our state, look at the topography of most of our pastures? Why are they planted to pasture instead of corn or soybeans? Most of the times it is because the land is too steep to plant to crops, or the yield potential is too low for it to be profitable. But it will work perfectly for growing grass and grazing cattle. In other words, beef production allows us to use land for food production that otherwise would be of little value.

Beef production is contributing to global warming. This is a topic that is often more difficult for us to deal with. It comes with a lot of abstract terms and vague definitions that we don't know how to handle. First, understand that there is no doubt that the atmospheric CO2 is definitely going up. The real question is if this is a man-made issue or not. I'm not going to attempt to deal with this. But if someone assumes the carbon dioxide level is going up because of man, is beef a significant contributor? Look at the figure below. It is from the 2018 EPA publication "Inventory of U.S Greenhouse Gas Emissions and Sinks, 1990-2016". Less than 10% of the greenhouse gases emitted come from agriculture. And remember, some of this is from segments of agriculture other than beef production.

While we are thinking of carbon dioxide, we need to remember that a perennial grass pasture can take some of the COs out of the atmosphere and store it in the ground as roots and organic matter. In fact, one of the best ways to improve environmental sustainability of land is to plant a perennial grass, like tall fescue.

The next time you hear someone say beef production is bad for the world, keep these points in mind. My response would be that we are improving the environment while still providing a valuable protein source made from a low-quality feed. That's a big deal

FDA - USDA compartirán el control y la regulación de la carne "cultivada"

USDA/APHIS November 21, 2018 Statement from USDA Secretary Perdue and FDA Commissioner Gottlieb on the regulation of cell-cultured food products from cell lines of livestock and poultry

Last month, the U.S. Department of Agriculture and the U.S. Food and Drug Administration held a public meeting to discuss the use of livestock and poultry cell lines to develop cell-cultured food products. At this meeting, stakeholders shared valuable perspectives on the regulation needed to both foster these innovative food products and maintain the highest standards of public health. The public comment period will be extended and will remain open through December 26, 2018.

After several thoughtful discussions between our two Agencies that incorporated this stakeholder feedback, we have concluded that both the USDA and the FDA should jointly oversee the production of cell-cultured food products derived from livestock and poultry. Drawing on the expertise of both USDA and FDA, the Agencies are today announcing agreement on a joint regulatory framework wherein FDA oversees cell collection, cell banks, and cell growth and differentiation. A transition from FDA to USDA oversight will occur during the cell harvest stage. USDA will then oversee the production and labeling of food products derived from the cells of livestock and poultry. And, the Agencies are actively refining the technical details of the framework, including robust collaboration and information sharing between the agencies to allow each to carry out our respective roles.

This regulatory framework will leverage both the FDA's experience regulating cell-culture technology and living biosystems and the USDA's expertise in regulating livestock and poultry products for human consumption. USDA and FDA are confident that this regulatory framework can be successfully implemented and assure the safety of these products. Because our agencies have the statutory authority necessary to appropriately regulate cell-cultured food products derived from livestock and poultry the Administration does not believe that legislation on this topic is necessary.

AUSTRALIA

Oportunidades y desafíos del Mercados Mundial de Carnes

21 November 2018 With negotiators in Canberra this week for the second round of EU trade talks, MLA's Global Markets Forum at Red Meat 2018 in Canberra was ideally timed.

The Forum saw MLA's team of red meat market experts and some of Australia's international customers unpack how Australia is staying ahead of our competitors in understanding changing consumer demand in our destination markets.

More than 700 red meat producers and stakeholders also heard how MLA is working with the Australian Government to turn road blocks into opportunities in export markets amid challenging market conditions.

Unlocking market access

MLA Global Manager - Trade and Market Access, Andrew McCallum, detailed the achievements of the Market Access Program, which is jointly funded by producer levies matched with processor contributions, in facilitating trade and addressing tariff and non-tariff barriers.



“Our emphasis going forward in terms of market access is with the EU and the UK,” Mr McCallum said. He said Australia had made significant gains in market access through the trifecta of free trade agreements (FTAs) with Korea, Japan and China.

“The value of these FTAs should not be underestimated. If I was to quantify it, the trifecta of FTAs, Japan, Korea and China, are worth \$20 billion over the next 20 years – that’s \$1 billion in extra value just by removing tariff impost on our product,” Andrew said.

“If I were to break that down even further, and this is just the China FTA alone, it’s underpinning beef prices by about 8c/kg and underpinning sheepmeat prices by 13-26c/kg.

“We’ve also chalked up some gains in terms of non-tariff barriers. In Indonesia, we now have access for secondary beef cuts and offals, which were previously banned items. We’ve made some gains in extending shelf-life in the Middle East for high value chilled product and similarly in Iran.

“Looking at future reform, we’ve got a lot of work still to do. We have about \$1.6 billion in future value to reap out of FTAs.”

With the impact of non-tariff barriers on Australian sheepmeat, beef and goatmeat industries sitting at about \$3.4 billion per annum, address non-tariff barriers is a key focus.

Targeting premium opportunities

The overall outlook for beef and sheepmeat in export markets is positive with demand forecast to grow, according to MLA Global Manager – Industry Insights and Strategy, Natalie Isaac.

“Global demand for beef has grown 20% over the last 30 years and sheepmeat over 50%,” Natalie said.

“Most major world institutions are forecasting 1-2% growth in the next 20 years, underpinned by population growth, increasing per capita income, growing middle class, urbanisation and greater trade access.”

Natalie said the focus for Australian beef is on premium growth opportunities, while for sheepmeat, educating consumers about how to cook lamb and focusing on foodservice, where people are more likely to try lamb, will help to unlock further opportunities.

“If we look at the trend in the average global beef price per kilogram of the major exporters, we can see differences. Eight years ago, the gap between the lowest and highest price was close to \$2, this gap is now \$5.”

Looking at sheepmeat, growing global demand has been driven by many regions, but in particular Asia and future growth is forecast to see this trend continue

She said the price trends for sheepmeat were also changing.

Historically, the sheepmeat price has been based on supply - as production goes down price goes up, and as production goes up, the price comes down.

However, in the last four years a new trend has emerged where price continues to go up as supply has increased.

Traceability is key

In maintaining and improving market access into destinations such as the Middle East, Australia’s traceability systems are key, according to Premier Food Industries Manufacturing Manager, Matthew Robinson, who is based in Riyadh with the food processing company.

“Export approvals come and go in the region freely. Brazil was out of the region for two years from 2014 and 2016, and the US has only just returned this year after a lengthy absence,” Matthew said.

“It all boils down to traceability. Australia’s traceability systems are paying dividends for the Australian red meat and livestock industry in markets such as the Middle East.

“Australia has never been banned and that is a very strong selling point for your processors who are pitching meat into the region.

“From my side of things, when we’re dealing with customers who are demanding that continuity and security of supply for their restaurants and outlets, they want to be guaranteed that if they start a supply relationship, it’s not going to be closed after six months or one year.”

Nuevo récord en los animales en feed lots

21 November 2018 Cattle on feed at the end of the September 2018 quarter surpassed the record set in the June quarter, rising to 1.13 million head, which was an increase of 6,000 head (or 1%). Licensed capacity also climbed to a new record of 1,309,905head, with global demand for high quality grainfed beef supporting investment in the sector.

The nation’s feedlots continue to play a crucial role in smoothing fluctuations in supply. In a year marked by prolonged dry conditions in eastern Australia, consistently high numbers on feed have mitigated the risk of production variability.

Notwithstanding significant feedlot profitability headwinds, primarily in the form of rising grain costs, grainfed beef exports benefited from growing global consumption as well as a depreciating A\$. Grainfed shipments to Korea and China set new records during the quarter, while Japan also recorded strong growth.



September quarter export volumes to Japan lifted 9% year-on-year, to 41,150 tonnes shipped weight (swt), while exports to Korea rose 6%, to 16,734 tonnes swt. In our third largest market for grainfed beef and star performer, China, quarterly export volumes rose 184% on the same period last year, to 13,768 tonnes swt.

CHINA Fiebre porcina hará crecer las importaciones en 2019 y 2020

22/11/2018 - Analista australiano entiende que China debería sacrificar unos 100 millones de cerdo antes de 2020.

La epidemia de fiebre porcina africana (ASF, por sus siglas en inglés) en China se transformó en una epidemia crónica que llevará a que el gobierno tome la decisión de eliminar las producciones “caseras”, de menos de 40 cerdos por granja, lo que determinará una fuerte dependencia de las importaciones en 2019 y 2020, no solo de carne porcina sino también de vacuna, ovina y de pollo, afirmó el analista australiano de los mercados cárnicos Simon Quilty, cuyo trabajo fue publicado por Beefcentral.com.

De acuerdo con estas proyecciones, si la eliminación de las granjas precarias se realiza en un solo año, las importaciones de carne vacuna desde los países del Mercosur podrían crecer cerca de 49% a más de 1,4 millones de toneladas en 2019, incluyendo en la cuenta las que llegan de forma indirecta vía Hong Kong. El analista proyecta que las exportaciones uruguayas podrían ascender a unas 220 mil toneladas el año próximo, alrededor de 25% por encima de lo que se colocaría en este destino en el corriente año. Dado que la expectativa es que la producción uruguaya no aumente en 2019 —de hecho, los pronósticos son de una disminución de la faena— habría un grado de concentración adicional de China como destino de la carne uruguaya, que ya es más de 50%.

Al 9 de noviembre China había sacrificado 470 mil cerdos debido a la epidemia de fiebre porcina y el número escala rápidamente. Solo en la última semana a esa fecha se sacrificaron 250 mil. Para Quilty, esta epidemia obligará a Beijing a acelerar el paso de la eliminación de las granjas precarias, o caseras, donde el control de la enfermedad es mucho más difícil. Actualmente estas granjas cuentan con 27% de los cerdos de China, unos 116 millones. Recientemente el gobierno determinó la prohibición de alimentar cerdos con residuos alimenticios, lo que va en el camino de eliminar este tipo de producción. A su vez, Quilty asegura que en dos provincias del sur ya están eliminando estas granjas —hayan tenido o no casos de fiebre porcina— y entiende que se extenderá a todo el país. “La eliminación es la única solución”, afirma el analista.

Quilty establece dos hipótesis de trabajo: una en la que se sacrifican 50 millones de cerdos en 2019 y otros 50 millones en 2020, lo cual reduciría la producción 15% el primer año y 13% el segundo, con un lógico impacto sobre los precios de 53% en 2019 y 25% adicional en 2020. La segunda es el sacrificio de los 100 millones de animales en 2019, lo que tendría un imponente impacto en las importaciones el año próximo, con una duplicación en el caso de la carne vacuna a más de 2,2 millones de toneladas.

Para el primer caso, China elevaría sus importaciones de carne vacuna 21% en 2019 a 1,3 millones de toneladas y 21% adicional en 2020 a 1,59 millones. Para el segundo, las aumentaría 113% en 2019 a 2,2 millones de toneladas. Considera que Brasil será el principal proveedor con 40% del total (880 mil toneladas), seguido por Australia (20%), Argentina (14%), Nueva Zelanda (11%) y Uruguay (10%).

Proyectando las exportaciones del Mercosur a China y Hong Kong para 2018, totalizarán en el entorno de 945 mil toneladas. En la segunda hipótesis, las exportaciones del Mercosur crecerían 49% a 1,4 millones de toneladas. Las de Argentina alcanzarían 308 mil toneladas (+71% anual) y las de Uruguay 220 mil toneladas (+26%). Los porcentajes de aumento son proyectando los volúmenes de exportaciones del último período del año en curso.

Quilty concluye que “la complejidad de la ASF y su potencial impacto en el balance de la proteína animal no puede ser subestimado, así como tampoco el enorme impacto de esta enfermedad sobre la oferta y demanda de proteína en los próximos años”.

EMPRESARIAS

Vion innova en el mercado de los productos congelados

21 November 2018 GERMANY - German meat producer Vion is introducing a new deep-frozen range to the market under the COOL CUTS label.

From the outset, Vion will rely on high-quality product in marketing matured beef from the GOLDBEEF premium brand. The range is aimed at restaurateurs, hoteliers and other bulk consumers, as well as the food retail trade.

Individually packed, deep-frozen and in packaging ready for sous-vide preparation are entrecote, T-bone, filet and a wide range of special cuts currently trending and ideally suited to the demands and requirements of this target group.

The new premium products are taken from Simmentaler cattle or optionally from the Holstein Friesian breed. These breeds enjoy a particularly strong reputation among top chefs.



"Vion is one of the few meat producers able to offer the complete process from one source, from slaughtering, deboning and maturing to packaging," said Bernd Stange, COO Beef at Vion.

"We select the raw material by hand for the perfect steak." The cuts then become true COOL CUTS only after a three-week maturing process: The meat portions are then packed and deep-frozen individually."

The product range is made up of different cuts and products. These include classic steaks like entrecote, T-bone and filet, as well as flat iron, tomahawk, côte de bœuf and churrasco ribs. All types are marketed "ready to cook" in individual packaging ready for sous-vide preparation by the customer.

The aim is to simplify preparation in a professional kitchen: cook the defrosted or deep-frozen sous-vide immersed in water, then grill briefly on both sides – the perfect cut is then ready with success guaranteed.

Vion is breaking new ground in production as well. Production is to order in each case.

"Not every customer wants rump steak in the 250-gram version, but perhaps rather in portions of 180 grams," Mr Stange said. "We are able to cater to these demands individually."

Year-round availability of the full beef range and minimum shelf life of 18 months from date of production mean that the customer can make use of the product as needed.

The deep-frozen range will in the future be expanded to other categories in order to offer a complete range to the customer.

Futura Ministra negó incentivos irregulares para JBS

20/11/18 - por Equipe BeefPoint A futura ministra da Agricultura, deputada Tereza Cristina (DEM-MS), negou nesta segunda-feira, por meio de nota, que tenha cometido irregularidades na concessão de incentivos fiscais à empresa JBS, quando foi secretária estadual de Agricultura do Mato Grosso do Sul.

A "Folha de São Paulo" revelou no domingo que Tereza teria assinado convênios de ICMS com o frigorífico na mesma época em que já mantinha com a empresa um contrato de arrendamento de uma terra em que é sócia com familiares. A denúncia foi feita em uma delação de ex-executivos da companhia à Procuradoria-Geral da República (PGR).

"Quanto aos incentivos fiscais assinados à época em que ocupava a secretaria de Agricultura do Estado, a deputada cumpriu a legislação vigente e atuou em conformidade com as políticas de governo estabelecidas à época. Cabe ressaltar ainda, que medidas fiscais são de competência também da Secretaria de Fazenda do Estado e do Governo, não apenas da Agricultura, como sugere a matéria", respondeu a deputada em nota divulgada pela assessoria de imprensa da Frente Parlamentar da Agropecuária (FPA), da qual é presidente.

"A relação comercial estabelecida pela família da deputada com a empresa JBS foi feita de forma legal e transparente, dentro dos padrões seguidos regularmente pelos demais produtores da região e do país", acrescentou.

A nota esclarece que a deputada, que está em seu primeiro mandato, não recebeu doação financeira direta da JBS para sua campanha em 2014, e sim por meio de coligação partidária. E ainda esclareceu que em 2009, a mãe da parlamentar firmou contrato de parceria pecuária na exploração de um confinamento com a empresa JBS, mas no ano seguinte após falecer, Tereza Cristina assumiu o contrato na condição de inventariante de um condomínio de cinco irmãos.

Amazon y Walmart revolucionarían el comercio minorista

Fonte: The Wall Street Journal, publicadas na Folha de São Paulo. 20/11/18 - por Equipe BeefPoint

O centro de distribuição de 90 mil metros quadrados da Amazon em Baltimore é uma imensa máquina de atendimento de pedidos. Se você se posiciona em uma das pontas do armazém, sua estrutura de titânio branco e suas esteiras rolantes aparentemente intermináveis parecem desaparecer no horizonte, ainda que o horizonte de alguma maneira pareça estar dentro do edifício.

A máquina é uma combinação estonteante de escadas, rampas, separadores e um total de quase 18 quilômetros de esteiras rolantes.

Esteira robotizada de 18km acelera entregas da Amazon no centro de distribuição de Baltimore, Maryland (EUA), um espaço de 90 mil metros quadrados; gigante é referência em armazenagem autônoma – Patrick Semansky/Associated Press

Os pedidos dos clientes se movem das estantes para bandejas e de bandejas para caixas, enquanto percorrem a máquina e são carregados em furgões de entrega, passando por trabalhadores estacionados em diversos pontos do percurso.

Os seres humanos raramente precisam se movimentar aqui. É muito mais rápido, e barato, levar os objetos a eles.

É para isso que servem os robôs. Parecidos com versões robustas do aspirador de pó robotizado Roomba, equipadas com prateleiras da Ikea no topo, esses robôs Kiva são capazes de transportar até 340 quilos de produtos em seus cerca de 40 compartimentos.



Depois que um cliente faz um pedido, um robô carrega os itens até um trabalhador, que lê em uma tela que item apanhar e em que compartimento ele está localizado, passa o código de barra por um leitor e posiciona o produto em uma bandeja amarela que viaja pela esteira rolante até a estação de embalagem. A inteligência artificial sugere um tamanho de caixa apropriado. Um trabalhador coloca o item na caixa, que um robô sela e, depois de aplicar a etiqueta de endereço, envia ao seu próximo destino.

Seres humanos em geral são necessários para apanhar objetos específicos e posicioná-los, tarefas que os robôs ainda não dominaram.

Os robôs da Amazon sinalizam uma imensa mudança na maneira pela qual as coisas que compramos serão selecionadas, armazenadas e entregues. A empresa requer um minuto de trabalho humano para levar um pacote a um caminhão de entrega, mas esse número está a caminho do zero.

Armazéns autônomos se fundirão com sistemas automáticos de fabricação e entrega, formando uma cadeia de suprimento completamente automática.

Estamos no início daquilo que poderíamos definir como a “nuvem física”, um ecossistema de comércio eletrônico que funciona como a internet.

A Netflix hospeda os filmes a que você assiste em um data center próximo de seu endereço. A Amazon está construindo uma série de armazéns para guardar bens perto da localização de seus consumidores.

E os sistemas de armazenagem nesses locais parecem cada vez mais com os de dados na nuvem. Em lugar de guardar itens semelhantes no mesmo lugar —prática útil quando apanhar os produtos é tarefa humana—, os armazéns da Amazon conservam múltiplas cópias de um mesmo produto em locais aleatórios, conhecidos apenas dos robôs.

Tentar encontrar uma panela elétrica Instapot em um dos armazéns da Amazon seria como tentar descobrir onde na nuvem um de seus emails está armazenado. É claro que isso não é necessário. Basta tocar a tela, e o email aparece. Não há intervenção humana.

As entregas também estão a ponto de mudar drasticamente. Amazon, Google, Uber e muitas startups estão trabalhando em drones para entregas, que um dia nos conectarão à nuvem física.

A Amazon emprega 575 mil pessoas. Muitas delas trabalham nos centros de distribuição, realizando tarefas que os robôs ainda não dominam, mas podem aprender em breve.

Christopher Atkeson, professor de robótica na Universidade Carnegie Mellon, diz que um braço robótico capaz de substituir os trabalhadores dos armazéns da Amazon estará disponível dentro de cinco anos.

A empresa não revela muito sobre seus planos de longo prazo.

Tye Brady, vice-presidente de tecnologia da Amazon Robotics, diz só que a empresa está sempre tentando tornar os empregados mais eficientes.

Outros grupos de varejo são mais diretos. Richard Lou, presidente-executivo e do conselho da JD.com, uma das mais importantes companhias de comércio eletrônico da China, que depende fortemente da automação, já declarou que sua meta é uma força de trabalho 100% robotizada.

Um armazém completamente automatizado é apenas o começo. Amazon e Walmart patentearam armazéns parecidos com zepelins, que flutuarão a 300 metros de altura e estarão equipados com drones prontos a entregar creme dental e papel higiênico aos consumidores em suas casas, como se fossem arquivos de computador. Bem-vindo à nuvem física.

Antes de chegarmos lá, os robôs precisam ganhar a capacidade de executar todas as tarefas em um armazém por conta própria. Embora nenhum outro grupo de varejo se aproxime da Amazon em termos de escala, a Ocado, empresa de varejo online de mantimentos na Inglaterra, tem a automação mais sofisticada do mercado.

Em um armazém a 110 quilômetros a sudoeste de Londres, um enxame de robôs da Ocado, com tamanho semelhante ao do R2-D2, corre por sobre uma grade elevada de quadrados vazados; as máquinas cruzam percursos e chegam perto de colidir umas com as outras, sem nunca fazê-lo.

Por sob a grade ficam os produtos, empilhados em bandejas com 18 camadas de altura. Quando um cliente faz um pedido, por exemplo uma garrafa de leite, um robô da Ocado se desloca ao quadrado apropriado, estende os braços para baixo e agarra uma bandeja contendo leite.

O robô em seguida posiciona a bandeja dentro de sua barriga e a conduz a uma esteira rolante, que conduz o leite aos trabalhadores, que contam com a destreza necessária a pegar a garrafa e embalá-la em uma sacola de compras.

Ainda que nem a Amazon e nem a Ocado tenham robôs capazes de embalar itens eficientemente, os robôs da Ocado podem mover itens autonomamente do local de armazenagem para as esteiras rolantes.

A Ocado já pensa de modo mais ambicioso. A empresa estuda como usar uma versão maior de seus robôs para lidar com contêineres de carga, porque carregar caminhões é muito difícil.

Existem gargalos nos portos. Da mesma forma que ampliar a largura de banda permite expandir a capacidade da internet, aumentar os robôs da Ocado poderia possibilitar que eles se movimentem por sobre pilhas de contêineres e os carreguem em veículos de entrega.



Depois dos armazéns, os veículos de entrega são o próximo alvo da automação. Amazon e Walmart estão trabalhando em como levar pacotes de um furgão autoguiados ao comprador, seja por meio de um veículo autônomo ainda menor ou pela criação de armários de entrega nos bairros.

Quando a necessidade de um motorista humano é removida —e com ela a de um volante, air bag e cinto de segurança—, um veículo de entrega pode assumir quase qualquer forma.

O conceito de transporte modular da Mercedes-Benz é um chassi elétrico em forma de prancha de skate, que pode servir de base a um furgão de passageiros, caminhão de carga ou casa motorizada.

Durante o dia, o chassi poderia ser afixado a uma carroceria de ônibus e usado para transportar passageiros. À noite seria destacado para recarga, empilhado em uma garagem.

Ou poderia ser usado para transportar um contêiner em uma determinada direção e na chegada trocar de carroceria e transportar passageiros na direção inversa, para a jornada de retorno.

Em lugar de furgões de tamanho padrão, frotas de pequenas “cápsulas” de entregas poderiam apanhar pacotes em depósitos centralizados e entregá-las aos compradores, usando infraestrutura de inteligência artificial parecida com a que está em uso nos armazéns hoje.

Sistemas de entregas sobre rodas são muito mais prováveis que drones, para o futuro próximo nos EUA. Mas não vai demorar para que o céu se torne uma extensão da nuvem física, nos conectando da mesma maneira que nossos celulares nos conectam à computação em nuvem.

Imagine um drone pousando para lhe entregar um café gelado, no caminho para o trabalho. A IBM já tem patente para isso, na verdade.

Minerva planea vender hacienda en pie a IRAN en 2019

20/11/18 - por Equipe BeefPoint A Minerva quer vender boi vivo para o Irã em 2019. A expectativa da companhia é de que os iranianos alcancem a mesma importância da Turquia para o setor de boi em pé no Brasil.

De acordo com a Associação Brasileira dos Exportadores de Animais Vivos, os turcos respondem por mais de 80% dos embarques deste segmento no Brasil e a entidade espera que a receita com essas vendas chegue a US\$ 700 milhões em 2018.

Marfrig logra aprobación de Corea del Sur para la venta de Keystone a Tyson

22/11/18 - por Equipe BeefPoint A Marfrig Global Foods, segunda maior produtora de carne bovina do país, anunciou há pouco que o órgão regulador da Coreia do Sul aprovou a venda de sua subsidiária Keystone à americana Tyson Foods. Era o último órgão antitruste que ainda precisava aprovar a transação.

Dessa forma, a empresa brasileira espera que a conclusão do negócio ocorra ainda em 2018, conforme informou em comunicado. A venda da Keystone à Tyson foi anunciada no fim de agosto, por US\$ 2,4 bilhões.

Fonte: Valor Econômico.



Provincia de Buenos Aires firmó la adhesión al DUT (Documento Único de Tránsito)

20 de Noviembre de 2018

“Desarrollaremos un procedimiento único para el movimiento de ganado en la provincia de Buenos Aires” Lo afirmó el presidente del Senasa, Ricardo Negri, durante un acto realizado hoy en Casa Rosada, junto al secretario de Gobierno de Agroindustria de la Nación, Luis Etchevehere y el ministro de Agroindustria de la provincia de Buenos Aires, Leonardo Sarquis.

Buenos Aires, 20 de noviembre de 2018 – El presidente del Servicio Nacional de Sanidad y Calidad Agroalimentaria (Senasa), Ricardo Negri junto al secretario de Gobierno de Agroindustria de la Nación, Luis Etchevehere y el ministro de Agroindustria de la provincia de Buenos Aires, Leonardo Sarquis firmaron la adhesión al Documento Único de Tránsito (DUT), que unifica las guías municipales con el Documento de Tránsito Electrónico (DT-e), durante un acto realizado hoy en la Casa Rosada.

Negri sostuvo que “en el marco de la simplificación de trámites, los tres organismos, asumimos el compromiso de desarrollar un procedimiento único para la generación del DT-e y la guía local sobre la plataforma del Sistema Integrado de Gestión de Sanidad Animal del Senasa que permita el movimiento del ganado”.

“Actualmente las guías de tránsito de ganado son generadas concurriendo personalmente a nivel provincial, municipal o policial; mientras que el DT-e es emitido mediante el SIGSA, a nivel nacional. Esto lleva al productor a realizar, para un mismo fin: mover ganado, distintos trámites ante organismos diferentes. La idea es que el trámite sea uno solo, y que sea más fácil para el usuario al realizarlo on line”, explicó el titular del Senasa.

Bajo esta premisa se persigue el mismo objetivo con la generación de la guía provincial a partir del desarrollo integrado entre un Servicio Web Fronting implementado bajo la infraestructura tecnológica y el control del Senasa y Servicios Web Backend proporcionado por ambas partes.

En suma permite, que en el mismo lugar donde se produce la producción, se pueda generar toda la información que el productor necesita para el cumplimiento de la normativa vigente en materia de traslado de ganado, DUT, Visados y Cupones de Pagos que correspondieran a cada jurisdicción interviniente.

“Este convenio entrará en vigencia de manera paulatina en el corto plazo en la provincia de Buenos Aires y cada municipio fijará el valor del trámite” aclaró el director de Control de Gestión y Programas Especiales del Senasa, Marcelo Ballerio.

En tal sentido cabe destacar que el SIGSA del Senasa cuenta con la funcionalidad de autogestión para el productor, esto le permite realizar trámites desde cualquier punto del país, durante las 24 horas y los 365 días. De esta manera, el productor evita desplazamientos hasta las oficinas y maneja sus propios tiempos de acuerdo con sus necesidades.

Australia 0.7251

Nz 0.681